

## Apresentação

É, com especial satisfação, que o projeto editorial da Revista DIAPHONÍA do Curso de Filosofia da UNIOESTE, retoma, com vigor, o impulso de produção acadêmica em curso desde o período inicial de formação do Grupo PET [Programa de Educação Tutorial]. Nessa direção, a Revista que circulou em outras edições, sob o título de *Cadernos de Estudos Petianos*, reafirma, significativamente, a vocação primordial do Programa como um espaço, de fato, diferenciado e propulsor no tocante ao conjunto de pesquisas e atividades realizadas. Ora, é esse dinamismo que tal proposta mais uma vez materializa tornando público os seus resultados e, com isso, marcando uma posição qualificada em termos de produtividade de pesquisa no contexto nacional da área.

Visando reconstituir o cenário inicial dessa história, a presente edição (que devota uma menção honrosa ao ex-acadêmico petiano Ângelo Eduardo da Silva Hartmann por ter, na verdade, organizado a primeira versão desse número) é aberta com uma entrevista inédita concedida pelo ex-tutor **Pedro Gambim** que também exerceu a função de avaliador local e nacional do PET junto a CAPES. O que o professor traz à tona é a memória histórica de um projeto marcado, sem dúvida, por lutas e resistências, mas que também se manteve persistentemente atuante como política estratégica de formação acadêmica. Trata-se – conforme, bem lembra ele – de uma proposta diferencial em comparação a outras, na medida em que sempre incrementou o princípio indissociável entre a pesquisa, o ensino e a extensão, sem deixar, ainda, de assegurar a autonomia e a emancipação dos acadêmicos bolsistas tendo em vista o promissor horizonte de seus estudos em nível de pós-graduação.

A segunda seção é composta de oito colaborações no formato de artigos oriundos do ciclo de palestras ministradas por docentes convidados, um artigo do ex-professor visitante do Programa, bem como das pesquisas individuais apresentadas em seminários pelos acadêmicos bolsistas. O primeiro texto, “A matemática na filosofia de Schopenhauer: intuição *versus* demonstração por meio de um experimento” de **Wilson Antonio Frezzatti Jr** versa sobre a proposta schopenhauriana de usar a intuição e não os conceitos da razão no aprendizado da matemática. Tendo como alvo central, a tarefa da decifração do enigma do mundo, Wilson mostra como o pensador alemão compreende essa tarefa não por meio dos conceitos da Razão, mas pela intuição, embora os conceitos devam ser empregados para a exposição dessa doutrina através da linguagem. Esse é o significado da tese segundo a qual, “o mundo é minha representação”. O mundo é aparência e não a realidade da coisa-em-si. Esse é, aliás, um traço do seu caráter relativo: devido à causalidade, as coisas só existem em relação às outras. Em termos schopenhaurianos, o mundo é uma efetividade (*Wirklichkeit*) e não uma realidade (*Realität*). O mundo é um incessante vir-a-ser, uma incessante relação de causa e efeito que produz um fluxo contínuo de mudança. Schopenhauer compara a intuição a um ponto e o conceito a um círculo, de modo que a primeira é particular e precisa enquanto que, o segundo, o que contém uma extensão, o que faz com que ele seja impreciso.

**Maurício Smiderle** demarca em, “A necessidade da má consciência para a civilização”, a posição nietzschiana na contramão do ideal iluminista de que a civilização representaria uma condição de melhoramento da humanidade. Ora, pelo contrário, aqui não há um fortalecimento do animal homem, mas um enfraquecimento

dos instintos próprios da espécie humana. Do ponto de vista fisiológico, a civilização expressa a decadência de tais impulsos como um aspecto patológico. Nietzsche promove, então, a distinção entre uma fisiologia saudável e doentia: a primeira está em conformidade com o fluxo da vida, que é a tendência ao crescimento de potência; a segunda condição fisiológica é aquela que não está de acordo com a vida, já que nega o movimento do mundo. Ao buscar domar o ser humano, reprimindo os seus impulsos, a civilização transforma a homem em um animal doente, submisso e domesticado. A própria criação de noções metafísicas e ideias representam um exemplo desse traço fisiológico patológico que teria conduzido o homem, no ocidente, a um processo da mais sintomática decadência.

Em, “As noções de natureza e homem em Gilles Deleuze e suas relações”, **Ester Maria Dreher Heuser** traça uma instigante cartografia. Trata-se de mostrar como Deleuze desterritorializa o debate em torno da relação homem-natureza para além da clássica lógica binária sujeito/objeto. É sob esse aspecto, que o filósofo francês se aproxima das artes a fim de recolher nessas, aquilo que, em última análise, é capaz de “violentar” o pensamento como fluxo, dobra, afeto, intensidade e experimento. Esse é o alcance de seu professorado “empirismo superior ou transcendental” que afirma a imanência, a existência do mundo, do dado, da experiência. Mediante esse mundo selvagem de constante mudança, movimento sem identidade nem lei como “anarquia coroada” é que emerge a subjetividade. Disso provém a concepção de filosofia como agenciamento, no sentido de uma composição de elementos distintos, ideias, relações e circunstâncias capazes de criar conceitos que possam transformar nossa relação com o mundo. Para além da distinção entre natureza e artifício, Deleuze convoca, oportunamente, alguns autores que

protagonizam, conforme sua expressão, um “pensamento da diferença”. Hume, Espinosa, Bergson e Nietzsche comparecem nesse debate. Com relação a estes dois últimos, um acento especial: no caso de Bergson, se retoma o princípio de que a natureza teria desenvolvido um contraponto ao poder dissolvente da inteligência. Tal é o sentido do “elã vital”, como princípio intrínseco à evolução criadora. No caso de Nietzsche, é a clássica distinção entre natureza e homem que se dissipa radicalmente. O homem, em suas mais elevadas e nobres capacidades, é totalmente natureza.

Em seu texto, “‘Ética fazendo-se filosofia’ – lendo Lévinas”, **Pedro Gambim** explora um tema emergente no debate filosófico contemporâneo retratado por Derrida como uma “anterioridade absoluta do rosto do outro”. Ora, qual o estatuto desse estado de questão e, em que medida, Lévinas o eleva, num primeiro plano de sua obra? É no “acolhimento de Outrem”, isto é, no “aproximar-se do próximo na proximidade”, na dissimetria da relação, entre o um que eu sou e o outro pelo qual eu respondo, que se abre uma diferença sem fundo, que é também a não indiferença da responsabilidade, significância da significação, irreduzível a qualquer sistema. Dessa forma, a abertura do eu a outrem, “relação sem relação” é o sentido profundo do humano, em sua significância ética. Esse alcance só é possível porque, em sentido levinasiano, é a própria ontologia que é posta em xeque como um empreendimento temerário. Trata-se de expor a possibilidade e significação última da “ética fazendo-se filosofia” como “ética-filosofia-primeira”. Ora, que estatuto é conferido a essa “Ética”? Lévinas não a aborda à maneira de uma disciplina filosófica ou de uma determinada região do saber filosófico. Ao propor a “ética como filosofia primeira” não se trata apenas de “inverter” a prioridade ou de sublinhar a primazia da

ética com relação à ontologia. Menos, ainda, de propor leis ou regras morais, ou, de determinar uma moral. Trata-se, a rigor, de explorar a essência da *relação* ética em geral no sentido de que a ética abra a dimensão de uma significação outra que a ontologia. Por isso, não se trata de elaborar uma nova ética, mas a de mostrar a “ética fazendo-se filosofia”. Essa é a radicalidade e o seu estatuto mais próprio.

No artigo, “Ser e não-ser na ontologia de Sartre: a constituição do para-si e a emergência do sentido”, **Helen Aline dos Santos Manhães** situa, para além da fenomenologia de Husserl, a tese sartriana de que reduzir o objeto ao seu aparecer, não basta. Há que se elucidar o sentido do ser transfenomenal do fenômeno, ou seja, aquilo que sustenta a aparição do que aparece e, no entanto, não se revela diretamente numa intuição. Ora, a investigação do ser do fenômeno, se põe num plano que transcende a simples aparição fenomênica, pois não depende de uma relação de conhecimento para ser apreendido. Com isso, é o estatuto da reflexão que se subverte radicalmente, na ontologia fenomenológica de Sartre. Ou seja, não se pressupõe mais um ego que habite formal ou materialmente atrás de uma consciência. A reflexão aparece como retomada da vivência irrefletida, que a recupera e posiciona como seu objeto. Antes de existir voltada para si mesma, a consciência é consciente (de) si através de sua relação com o mundo. Assim, o irrefletido traduz uma primazia ontológica em relação a uma consciência tomada como instância última irreduzível, conforme a tese canônica da redução fenomenológica husserliana. Trata-se, agora, de uma autêntica “consciência” que se revela também como “angústia” e “descompressão do ser”, projetando-se, ainda, como liberdade. Por isso, ao se valer do princípio de que “a existência

precede a essência”, Sartre mostra que, originariamente, o homem surge no mundo, depara-se consigo, e, a partir de suas escolhas e ações, constroi a sua própria essência. A construção de si implica um vazio original, um não-ser primeiro que se tornará algo.

Em seu artigo, “Descartes: da unidade originária da razão e seus desdobramentos”, **César Augusto Battisti** discute a tese cartesiana da unidade originária da razão e os diferentes tipos de unidades dela decorrentes. Qual o significado das discussões atuais sobre o tema da interdisciplinaridade do conhecimento? O que significa uma pesquisa transdisciplinar? Isso parece indicar que às diferentes ciências falta algo que deve ser buscado na interdependência ou no fundo comum que une a todas elas. Neste caso, não seria melhor chamar tais pesquisas, não de transdisciplinares, mas de aquém-disciplinares? Não seria melhor dizer que elas buscam, não algo além delas, mas aquém ou anterior a elas? De todo modo, a divisão excessiva a que foram submetidas as ciências propõe um movimento de refluxo à sua própria lógica, por meio da busca de certas dimensões unificadoras. Esse quadro, rapidamente traçado aqui, parece indicar que houve diferentes tentativas de retorno ou de recuperação de alguma espécie de unidade do conhecimento cuja falta tem acarretado diferentes problemas.

No artigo “Autoesclarecimento e humanismo em Popper”, **Angelo Eduardo da Silva Hartmann** explora, a partir da interpretação crítica popperiana, o real sentido do iluminismo europeu e a perspectiva de um novo humanismo. Ora, as ideias de autoritarismo e totalitarismo estão presentes numa das doutrinas dominantes da primeira metade do Século XX – que propaga “a impotência essencial e a irrelevância prática de toda a filosofia genuína e, portanto, da epistemologia”. Perante estas

ideias, Popper, assim como Kant e Russell, extrai da epistemologia consequências novas e diretas para as atividades da ciência ao mesmo tempo em que recupera a visão otimista, presente entre os filósofos da modernidade, de que o conhecimento é revolucionário. Em oposição frontal à relação entre o otimismo epistemológico e as ideias do liberalismo está a articulação entre o pessimismo epistemológico e o tradicionalismo (do qual decorre o autoritarismo e o totalitarismo). Ainda que sejamos portadores das “fontes” do conhecimento – como a razão e a sensibilidade – estas são as que menos pesam no processo de autoesclarecimento: a tradição permeia toda a formação da nossa compreensão de como o mundo é.

Por fim, no texto “Notas sobre ecomunitarismo e esporte educativo cooperativo”, **Sirio Lopez Velasco** expõe, sumariamente, os fundamentos da ética, o perfil geral do ecomunitarismo e as noções básicas de educação e educação ambiental ecomunitarista, para introduzir nossa visão do conceito de atividade física e esporte educativos e cooperativos e dar alguns exemplos possíveis do mesmo.

Posto isso, a presente edição, na forma impressa e eletrônica, fomenta a difusão de uma plataforma de pesquisa itinerante há mais de 20 anos, como programa de vanguarda em termos de formação na universidade. Um convite para o rico e propulsor diálogo filosófico aqui se abre mais uma vez. Que sejam, então, bem-vindos os seus leitores e interlocutores a tomarem também parte desse projeto.

Prof. Dr. Claudinei Aparecido de Freitas da Silva  
Tutor do PET/Filosofia, Gestão 2013-1016